





# MÁRIO FAUSTINO

E A RECONSTRUÇÃO OLÍMPICA  
DO ESPÍRITO PELA PALAVRA

Júlia Maués

Mestre em Teoria Literária

Professora da UNAMA e do CEFET





## I ntrodução

Mário Faustino alimentava projeto de *escrever um poema em larga escala*, uma escrita do Poema que converteria em linguagem, desejo quase missão para que ... “poesia e vida” seguissem paralelas (Cf. Nunes: 1963). A poesia seria a sua própria vida em processo, tarefa existencial, como ação “no sentido autêntico, do pensar verdadeiramente, e trabalhar sem o risco de alienação” (Nunes:1963, Cf. Chaves, Albeniza, 1986).

Com essa escolha de vida, segundo ainda Benedito Nunes, MF jogava um lance decisivo. Um lance de dados como Mallarmé no poema “Um Coup de Dés”, no sentido de acatar que sua poesia seria parte do Livro – instrumento espiritual -, do qual o poeta participa com sua aventura poética-existencial, equilibrando-se no fio (“arame” para Max Martins), nexos relacionais de toda poesia seguindo a idéia de que “Tout devient suspens, disposition fragmentaire, avec alternance et vis-a-vis ...”. A variedade dos livros desenha um único livro: cada livro é único e singular, mas também a repetição do livro único. Todos os livros estão a escrever um só livro.

Para Benedito Nunes, MF manteria uma afinidade eletiva com Mallarmé, sem que essa afinidade esgotasse o alcance do seu projeto poético-existencial: a existência do poeta em situação, ao mesmo tempo circunstancial de suas experiências literárias, culturais e históricas, aliadas aos temas do amor da morte do sexo e da conquista de si mesmo, que adquiririam uma feição épica, tal qual os “Cantos” de Ezra Pound.

Apesar de o alcance do projeto de MF não ter se exaurido na aproximação com a poética de Mallarmé, gostaria de me deter nessa afinidade eletiva, uma das opções desse projeto, como o foram Pound, Jorge de Lima e Einsestein, naquilo que for tangencialmente pertinente no ideal de vida perfeita x linguagem imperfeita, tematizado no poema “Vida Toda Linguagem” de Mário Faustino, aqui reproduzido.

Vida toda linguagem,  
Frase sempre perfeita, talvez verso,  
Geralmente sem qualquer adjetivo,  
Coluna sem ornamento, geralmente partida.



Ao fato de o poeta situar-se não como o *eu próprio*, mas como um *um-outro* traduz, segundo Hugo Friedrich, uma das vertentes mais abrangentes da lírica moderna, também caracterizada como desumanização. Esse princípio traduz em Mallarmé o mais radical abandono da lírica baseada na vivência e na confissão, ao mesmo tempo, comporta algo distinto do entusiasmo e do delírio – antes “uma elaboração precisa das palavras a fim de que se torne uma voz que oculte tanto o poeta quanto o leitor” (Friedrich, Hugo: 1973, Cf. 111). Isso pode ser observado em “**Igitur**” (1869), na cena dialogada de “**Herodiade**” (1864) e nos poemas cujo tema primordial é o amor e a morte “em que a palavra só descobre seu destino de ser logos no limite do silêncio, mas que também nele comprova sua insuficiência” (p.112).

Assim Mallarmé conduz o processo que, desde o início do século XIX, rejeita e reage contra o mundo comercializado e o desejo de decifração científica do mistério do universo. Como disse Mário Faustino, “a um mundo infame, como ainda é, o Rimbaud que o rejeitava, reagiu rejeitando também a própria poesia. Mallarmé que o rejeitava, reage, refugiando-se na poesia” (Coletânea, 2, 1964). Este refúgio, porém, é representado pelo mais tenaz trabalho que rejeita a inspiração subjetiva, prejudicial, em nome de uma vigilância técnica do poeta, que, afinal, cada vez mais, reativa o poder mágico da linguagem.

O paroxismo desse trabalho, levado às últimas conseqüências aparece no poema “Un Coup de Dés” (1897), quando Mallarmé atinge os objetivos prenuñciados no poema “**Salut**” que serve de introdução ao seu volume de poesia, a partir das três forças fundamentais de sua lírica e de seu pensamento: ”solidão (a situação principal do poema moderno), recife (contra o qual naufraga), e estrela (a idealidade inacessível que é a causa de tudo)” (Friedrich, Hugo, p.119).

Essas forças aparecendo como temas ou motivos, obedecem ao esquema ontológico da obra de Mallarmé, cuja linguagem tem o poder de aniquilar objetivamente os objetos da realidade empírica para reconstruí-los na poesia onde recebem a existência espiritual. A linguagem, porém, eternamente inferior enquanto nomeação ordinária e, infinitamente superior uma vez disposta poeticamente, impede, mesmo assim, que o homem chegue à perfeição ou a reconstrução olímpica do seu espírito.

Em “Un Coup de Dés”, a temática – que ultrapassa a de “Igitur” – é o fato de que nem mesmo o nada é alcançado, porquanto o pensamento não pode escapar aos acidentes (da linguagem e do tempo)” (id., p.131). Trata-se de um tipo de aspiração que contém um apelo ascendente à meta suprema da poesia através da possibilidade da criação. Em seguida, porém “o arco desce”, a obra, consciente dessa possibilidade, atesta a impossibilidade desse alcance – permutando assim a “consciência dolorosa de que aquela terra



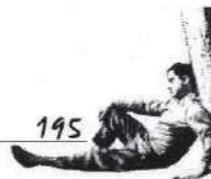
existe (a terra da idealidade), e obrigará sempre a poesia a elevar-se até ela, mas também, a levará sempre ao fracasso -, com a vantagem de que no próprio fracasso está garantida a existência invisível da idealidade” (ibid., p.131).

Para Otávio Paz, “Un Coup de Dés” é a condenação da poesia idealista, como “**Une Saison en Enfer**” de Rimbaud teria sido da materialista “(1982, trad. P.110). Essa condenação, porém, abre um período na poesia moderna cujo modelo nos é oferecido na forma do poema com a originalidade que convém ao fato de ser ele um poema crítico, ou seja, “aquele poema que contém a sua própria negação e que faz desta o ponto de partida do canto, a igual distância da afirmação e da negação” (id., p.111).

A poesia, nesse sentido, é a única possibilidade de identificação com o absoluto, e, no entanto, fracassa por não conseguir abolir o acaso – e salva-se, se o poema é, ao mesmo tempo, crítica dessa tentativa, uma vez que o poema apresenta, apesar da negação, uma exaltação jubilosa do ato poético. Não nega o acaso, mas o neutraliza, pois “todo pensamento emite um lance de dados” (*toute la pensée émet un coup de dés*). Essa possibilidade completa-se a partir de cada poema ou lance de dados que possa atingir um ponto absoluto – “qualquer ponto único que o sagre” (*quelque point dernier que le sacré*). Otávio Paz assinala que esse ponto pode ser “o de cada leitor” ou mais exatamente de cada leitor (*comme total en formation*), lembrando que no ensaio “**Le Livre a Venir**” (1959) Maurice Blanchot escreve que “Un Coup de Dés” contém a sua própria leitura – e que, portanto, a noção de um poema crítico implica a noção de uma leitura: “os brancos, os parênteses, a construção sintática tanto quanto a disposição tipográfica e, principalmente o si comportam um possibilidade de reflexão das palavras e das frases entre si mesmas” (Paz, Otávio, op. cit. p.113) que, ao afirmar a impotência da palavra diante do silêncio absoluto afirma também a plena soberania dessa mesma palavra.

A partir daí não se pode falar na poesia que contenha uma idéia ou uma aventura absolutamente real porque Mallarmé compreendeu que a única palavra verdadeira, e talvez a única realidade do mundo, se chama possibilidade infinita” (id., p.114). “Un Coup de Dés” é a forma de uma possibilidade, um poema fechado ao mundo, mas aberto ao espaço sem nome.

Por outro lado, Mallarmé previu a incorporação pela poesia moderna dos processos utilizados pelo jornalismo, pela publicidade, pelo cinema e por outros meios de reprodução visual que vêm transformando a escrita e a disposição visual da palavra no papel. A página, a partir daí, não é senão a representação do espaço real onde se estende a palavra, convertendo-se em “uma extensão animada, em perpétua comunicação com o ritmo do poema” (id. Ib, p.119). O espaço em branco que representa o silêncio diz algo que os signos não dizem.



## MÁRIO FAUSTINO E MALLARMÉ: VIDAS VERBALIZADAS

<sup>1</sup> Faustino, Mário; pesquisa e organização de Maria Eugênia Boaventura, São Paulo: Companhia das Letras, 2002. comentado por Benedito Nunes, 1

Mário Faustino não só compreendeu Mallarmé como assumiu o desafio de retomar o nexos relacional da Poesia a escrever o único Livro, com a missão de fazer o novo a partir do compromisso tão bem estabelecido no poema “Vida Toda Linguagem”, cujos “traços materiais do agônico trabalho de criação verbal” ou “vestígios do labor criativo” do espólio literário de MF, foi publicado e comentado por Benedito Nunes juntamente com os antecedentes do poema “Romance”, no artigo “A poesia do meu amigo Mário” que precede a leitura dos poemas de “O Homem e sua Hora e outros poemas”, organizados por Maria Eugênia Boaventura, em 2002.<sup>1</sup>

No artigo, Benedito Nunes comenta a identidade entre vida e linguagem ou entre a vida e a palavra (verbo) existente no poema como “o ciclo da mesma metáfora da recíproca entre vida e linguagem, que individualiza a forma definitiva desse elogio à vida potência do Verbo seminal, poético” (idem, p. 61).

Como na aventura épica de Riobaldo em “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa, que repete como um refrão “viver é muito perigoso”, esse elogio é anaforizado no poema “Vida toda linguagem” com um verso semelhante, garantindo bem mais que uma combinação estilística - uma ressonância poética -, repercussão intermitente, ritmada a reunir em si um aforismo ontológico, que condiz com a nossa relação vida/morte/beleza/perfeição.

Essa repetição ressoa intermitente, latejante na recepção estética do poema, cujo ritmo peculiar imprime um eco definitivo da presentificação em nossa existência da linguagem, cuja poeticidade é dada àqueles que fazem da poesia seu próprio ato de viver. Dada a poucos que chegam ao limiar da possibilidade de outro lance de dados, que fisque o acaso e o recoloque na linha espiral do nexos poético da vida.

E se para Mallarmé as palavras não eram o nada, mas a Idéia, o signo puro que deixou de apontar para as coisas e que não é nem o ser nem o não-ser, algo não mais ligado à emoção, contendo assim em seus primado algo de mortífero, uma negação que faz sofrer, e que sugere um certo tipo de loucura, há o recolocar em outra instância essa emoção perdida e só reencontrada no ritmo grave e suave ao mesmo tempo que nos embala e nos remete fortemente à procura do realinhamento de nossa passagem, tangenciamento ou inserção no “arame” que dê sentido a nossa aventura existência - com um beleza que, felizmente, apesar de trágica nos recompõe, nos convida a ser o que somos.

É assim que título/verso de “Vida toda linguagem” apresenta o desejo de experienciar o verbo/convite para que participemos do universo único, circular e caleidoscópico da linguagem



universal, circunscrito na resposta/poema de MF, uma forma de celebração, quase êxtase religioso que nos resgata a vida de sua banalidade diária.

O poema atesta o desejo de encontro do homem com ele mesmo, consciente de que a linguagem é uma forma possível de fazer essa aproximação, embora possa correr o risco de nada alcançar, de nada ver, de nada conseguir a não ser a afirmação de uma elocução mágica, estranha e irresistível.

Confirma-se assim o tipo de dificuldade com que a poesia moderna confronta o leitor, segundo Otávio Paz que:

*“não se origina tanto de sua complexidade (Rimbaud é mais simples do que Gôngora). Quanto do fato de que, como o misticismo ou o amor, ela exige entrega total (e também uma vigilância total) ... É uma experiência que implica a negação do mundo exterior (embora essa negação possa ter caráter provisório, como ocorre na reflexão filosófica ... É, de uma só vez, a destruição e a criação de palavras e significados, o reino do silêncio, mas ao mesmo tempo é também uma busca: palavras buscando a Palavra”. (Otávio Paz: 1973, p. 5)*

O poeta escolhe as palavras para se fazer linguagem diante da vida. Mas palavras são a face anversa da realidade, assim sendo porque, segundo ainda Otávio Paz, “a atividade poética nasce do desespero diante da onipotência da palavra e finaliza com o reconhecimento da onipotência do silêncio”. O poeta faz com que o problema da linguagem seja, na verdade, o problema ontológico da vida da qual consegue avizinhar-se pela crença no poder paradoxal das palavras. E assim ele nos reinventa e nos deixa participar de sua aventura, pela existência de uma vida convertida em poesia pura – resquício, herança, da magia das palavras no homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e Modernidade em Mário Faustino*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.

FAUSTINO, Mário. *O Homem e sua Hora e outros poemas*, Pesquisa e organização de Maria Eugênia Boaventura, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio & CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmè*, São Paulo: Perspectiva, 1974.(Signos, v.2).

MALLARMÈ, Stéphane. *Poésis*. Preface d'Yves Bonnefoy. Paris: Éditions Gallimard, 1992.

FRIEDRICH, Hugo. *A Estrutura da Lírica Moderna*.trad. Marise M.Curiani. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

PAZ, Otávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

